

trabalho, desajustes e falta de padronização da atuação do profissional, que por ficar sem referências técnicas acaba sendo confundido como um conselheiro ou acalmador de ânimos. Quando muito cria-se a expectativa que o psicólogo adote a postura e a prática de clínico tradicional, num modelo individualizado de psicologia que vai tratar do problema do sujeito que se droga e está em situação de rua. É neste ponto que entra a perspectiva da Psicologia Social Comunitária, desde que faça interseção com a prática clínica que deve alcançar a amplitude de uma política pública para atenção básica de uma população específica. Esta abordagem permite ao psicólogo reconhecer a complexidade dos problemas a serem enfrentados, desde a formação de uma subjetividade moldada pelos modos de vida da rua, totalmente diferentes dos modos de vida da maioria da população, até a possibilidade de desenvolver estratégias de intervenção mais coletivamente orientadas, em lugar de uma clínica individualizada. Sem estas possibilidades teórico-metodológicas oferecidas pela Psicologia Social Comunitária o psicólogo estará sujeito à repetição de um papel inócuo e frágil, inclusive, perante os outros profissionais da equipe, comprometendo sua relação profissional e a capacidade da própria equipe de prestar os atendimentos com resolutividade.

Como política pública de atenção básica à saúde, o Consultório na Rua se apresenta como um desafio à prática psicológica, na medida em que exige o exercício de circular pelas rodas da psicologia comunitária e social. Neste trabalho se analisam as interseções, teórico-metodológicas entre a prática clínica e social comunitária, em função da alta complexidade das demandas dos sujeitos e das expectativas sociais e da gestão do serviço, organizadas a partir de uma política pública de saúde focalizada naquele público, a saber: a população em situação de rua.

Psicologia Social e do Trabalho na Promoção da Saúde do Trabalhador

Cynthia de Freitas Melo Lins, Universidade de Fortaleza, Mara Aguiar Ferreira, Universidade de Fortaleza R, Regina Heloisa Mattei de Oliveira Maciel, Universidade de Fortaleza, Suzete Rodrigues Leonidas, Instituto atlantico

A prática do psicólogo nas organizações, como qualquer prática social, não pode ficar à parte das transformações do contexto e do desenvolvimento da ciência. Deste modo, no cenário contemporâneo, com as mudanças no mundo do trabalho, decorrentes da reestruturação produtiva, vem se demandando a ampliação dos espaços de intervenção dos profissionais que atuam nesse campo, e a saúde e bem-estar dos trabalhadores tem sido um dos aspectos por eles abordados. Assim, na busca da consolidação da Psicologia como ciência e profissão, a Psicologia Social e do Trabalho tem caminhado em prol de uma atuação comprometida com a visão singular sobre os processos de saúde e doença dos sujeitos nas suas relações de trabalho, ampliando os limites e possibilidade de atuação. Com essa perspectiva, o presente estudo objetivou analisar as práticas dos psicólogos do trabalho voltadas para a promoção da saúde dos trabalhadores. A investigação foi realizada com psicólogos que atuam em organizações de trabalho no Ceará e foi dividida em duas partes: qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas com cinco profissionais; e quantitativa, através de questionários respondidos por 60 sujeitos. Na primeira parte do estudo, as entrevistas revelaram que os psicólogos que atuam nas organizações utilizam de maneira acrítica modelos e estratégias

de ação em saúde na forma de programas pontuais, sem terem consciência do impacto e das repercussões que estes exercem sobre os sujeitos. No segundo momento, os dados quantitativos mostraram que 60% (f=36) dos participantes se consideram capacitados para a atuação na área; 57 (95%) acreditam haver relação entre trabalho e o processo saúde/doença. Constatou-se ainda que as interações entre trabalho e saúde são compreendidas em sua maioria a partir do modelo da Psicologia Social (f=32; 55,20%) e da Psicodinâmica do Trabalho (f=25; 43,30%), denotando o enveredamento para uma compreensão mais integral do sujeito, considerando sua totalidade histórica e social. Observou-se, todavia, que 58,70% (f=35) não realizem atividades voltadas para saúde do trabalhador; sendo ainda predominante a atuação centrada nas ações de recrutamento (f=24; 40%) e seleção (f=27; 45%). Conclui-se a necessidade de investimentos na formação de psicólogos para atuarem em organizações sob uma perspectiva da Psicologia Social e do Trabalho, na busca da ampliação e potencialização de suas possibilidades de trabalho, de forma crítica, voltada para a transformação da realidade dos grupos de trabalhadores e das suas relações sociais nas organizações. Faz-se necessário ainda assumir o desafio de uma atuação competente e socialmente relevante, voltada para a promoção da saúde do trabalhador.